



O papel do IALA Amazônico na Valorização e Conservação das Sementes Tradicionais: Um Estudo de Caso

The paper of IALA Amazon in the Valuation and Conservation of Traditional seeds: A Case Study

Ingrid Borges Lima¹; Larisse Medeiros Gonçalves²; Luana Santos dos Santos³; Pedro Henrique da Silva Monteiro⁴; Esmailson Moreira dos Santos⁵

¹Universidade Federal da Integração Latino-Americana – Foz Do Iguaçu. Mestre em Políticas Públicas. Grupo Juventude e Agroecologia. ²³⁴Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA-Sudoeste do Paraná); Pato Branco – PR. ⁵Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal. ¹ingrid.borges.agro@gmail.com
²larisse.medeiros@hotmail.com; ³lu-santosdossantos@hotmail.com;
⁴phmonteiro7@gmail.com; ⁵esmailson.moreira@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender os entraves no âmbito das sementes tradicionais, a partir do processo de migração dos agricultores familiares do Sudeste Paraense, destacando a importância do IALA Amazônico na sua recuperação e conservação. Fez-se uma análise com agricultores familiares, resgatando suas trajetórias e destacando suas relações com o IALA Amazônico através de entrevistas abertas e conversas informais. Percebeu-se uma dificuldade de encontrar agricultores que ainda persistem com suas sementes, que, além de outros entraves, é um processo que certamente foi consequência do que chamamos de perda pela migração. Assim, o IALA Amazônico tem contribuído para a recuperação e manutenção das sementes tradicionais, buscando se tornar um centro de convergência de experiências, atuando junto com os agricultores na produção, no armazenamento e na distribuição de sementes, bem como na realização de outras ações como na construção de feiras e de cursos de formação.

Palavras-chave: Amazônia, Conhecimentos Tradicionais e Sementes Crioulas.

Abstract

This work aims to understand the obstacles in the field of traditional seeds, from the migration process of family farmers in the Southeast of Pará, highlighting the importance of the Amazonian IALA in its recovery and conservation. An analysis was carried out with family farmers, retrieving their trajectories and highlighting their relations with the Amazonian IALA through semi-structured interviews. A difficulty was found in finding farmers who still persist with their seeds, which, in addition to other obstacles, is a process that was certainly a consequence of what we call loss through migration. Thus,



Amazonian IALA has contributed to the recovery and maintenance of traditional seeds, seeking to become a center of convergence of experiences, working together with farmers in the production, storage and distribution of seeds, as well as in carrying out other actions such as building fairs and training courses.

Keywords: Amazon, traditional knowledge, creole seeds.

Introdução

Nos anos 60, a estratégia de agricultura que a revolução verde focalizou gerou grandes impactos depreciativos ao ecossistema e à sociedade. Isso porque esse modelo se deu em detrimento da saúde do solo, da biodiversidade, das águas e aspectos socioeconômicos. Nesse sentido, a Amazônia foi centro de um processo de “ocupação” incentivado pelo governo, ocasionando um fluxo dinâmico de migrações por via da existência de projetos econômicos alojados na região. Em muitos casos, estas atividades causam inchaço populacional nas cidades que são implantadas, favorecendo um rápido crescimento econômico, porém, não foram permanentes, trazendo consigo uma série de entraves sociais.

Parte dessas pessoas são provenientes do meio rural, que se desarticularam de suas atividades de origem tendo sérias perdas de identidade e de suas práticas. Diante a desestruturação do sistema social, uma das consequências foi a erosão genética de recursos vegetais, ornamentais, medicinais, madeireiros, alimentícios, entre outros. Consequentemente, esse afastamento gerou uma perda variedades de sementes.

Ao estar inserido na realidade urbana, o homem perde suas sementes tradicionais, passadas de pai para filho, juntamente com os saberes empíricos associados a estas sementes, sobretudo se perde também a diversidade biológica. Diante do exposto, se cria uma realidade de incertezas frente a dinâmica das sementes, tendo em vista que um dos pontos levantados aqui é a perda destes materiais genéticos, da identidade cultural e até mesmo da autonomia dos povos do campo (ANDRIOLI, 2012).

Acerca da resistência camponesa diante desse processo de regressão, é que surge a ideia da construção de um Instituto Agroecológico situado na Região Amazônica, especificamente no Sudeste do Pará. O Instituto de Agroecologia Latino Americano Amazônico (IALA Amazônico) visa a formação agroecológica para os diversos atores da agricultura familiar.

O processo histórico de construção deste está ligado a outros institutos agroecológicos pela América Latina, como IALA Guaraní (Paraguai), o IALA Paulo Freire (Venezuela), Escola Latino Americana de Agroecologia - ELAA (Paraná), entre outros. O processo histórico de construção dos IALA's está diretamente relacionado ao acúmulo da Via Campesina, principalmente na América Latina, tendo em vista os avanços do capital, não apenas para agricultura, mas também nas atividades como a mineração, hidrelétricas, etc., onde os recursos



naturais são transformados em mercadorias, como também é o caso das sementes (BARBOSA, 2014).

O objetivo central deste trabalho é então compreender os entraves, no âmbito das sementes tradicionais, ocasionados pelo processo de migração dos agricultores familiares e assim, mostrar a importância do IALA Amazônico para a recuperação e conservação desse patrimônio nas áreas de influência do Instituto. Isto porque é importante reconhecer quais são os fatores que interferem na conservação e manejo das sementes, para que assim possam ser construídas políticas públicas que os impeçam. Neste caso, o que queremos é apontar a importância de valorização das sementes tradicionais para que se faça frente ao modelo hegemônico de agricultura.

Metodologia

Esta pesquisa foi feita no âmbito do projeto “Consolidação do Núcleo Interdisciplinar de Agroecologia e Educação no Campo – NAEC: valorização de sementes tradicionais para a garantia da soberania alimentar na Amazônia”, fomentado pelo CNPq, realizado em parceria com a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Instituto Federal do Pará – Campus Rural de Marabá (IFPA/CRMB), Via Campesina e Emater – PA.

Foram realizadas entrevistas com três agricultores familiares que possuem uma relação direta de cooperação com o IALA Amazônico. Para estes agricultores houve entrevista abertas, e conversas informais. No registro de atividades do IALA Amazônico, conduziu-se visitas de campo, com mutirões agroecológicos, que proporcionou maior entendimento da dinâmica do instituto. Foram feitas duas visitas por semestre no período de junho de 2013 até junho de 2015, com a intensificação das visitas nos últimos seis meses, modificando o roteiro de visitas para uma vez ao mês.

Outra metodologia aplicada foi a observação participante, que tem como objetivo inserir o pesquisador em uma abordagem de observação etnográfica, o mesmo participa ativamente nas atividades em conjunto com o seu meio de pesquisa, neste caso os agricultores, para recolher informações chaves, sendo solicitada a capacidade dos investigadores se integrarem ao meio e se adaptarem às situações (MÓNICO et al., 2017).

Resultados e discussões

Experiências coletadas de agricultores familiares no Sudeste Paraense

As sementes tradicionais são base da sobrevivência camponesa, pois são a própria vida, através do fornecimento das condições da produção de seu próprio alimento, mantido por meio do trabalho árduo no campo, em que, além disso, geram excedentes para sustento de outras comunidades que não à produzem, gerando aos camponeses renda e qualidade de vida.



Porém, além de alimento que gera vida, as sementes carregam consigo uma grande identidade cultural de cada comunidade, que é o elemento central do modo de vida camponês, dando condições para se manter viva e preservada às práticas socioculturais, criando e fortalecendo a identidade local e ambiental (GARCINDO, 2009). Esta visão, de certa forma, foi identificada nos diálogos com os três agricultores acompanhados no trabalho, que aqui serão identificados como agricultor 1, agricultor 2 e agricultor 3.

O agricultor 1 é natural do Ceará, cidade de Caxias, e tem atualmente 64 anos. No ano que ele nasceu, saiu do Ceará indo com a família para o Maranhão. Era uma família grande conforme ele enfatiza. De lá, a família começou a se dispersar, cada um buscando um lugar melhor para morar. De acordo com o agricultor, seus pais e ele sempre trabalharam no campo, cultivando milho, feijão e mandioca. O agricultor 1 veio do Tocantins para o acampamento do Palmares II, permanecendo por 20 anos.

Ele não possui mais as sementes da geração passada de seus pais, alegando que elas se perderam no processo de migração e adaptação da família. Ele explica que até trouxe para o Pará as sementes antigas, contudo, passou um período exercendo atividades no garimpo, e por esse motivo as perdeu. Ele relata que o IALA Amazônico já lhe forneceu ajuda, através da doação de mudas de coco para implantar em seu sistema de produção e seria muito importante se ele pudesse contar com o Instituto para recuperação de sementes.

O agricultor 1 é um exemplo de um processo de migração pela necessidade de busca pela terra, pois nasceu no Ceará e logo após foi para o Estado do Maranhão, e ainda por outro período morou no Tocantins. Ele alega que trabalhou grande parte de sua vida na roça, e que veio para o Pará diretamente ao acampamento no município de Parauapebas, esperançoso por um pedaço de terra para se fixar, tendo conhecimento da grande tendência da criação de assentamentos na região.

O agricultor 2 é natural de Goiás, Tocantinópolis, atual Estado do Tocantins. Ele tem 47 anos, e está no Estado do Pará há 44 anos, onde migrou por diversos municípios, chegando a trabalhar até mesmo no garimpo, atividade que seduzia diversos homens para a conquista de riquezas, onde muitos deles deixavam o campo para exercer esta atividade. Atualmente, este agricultor está inserido em um acampamento que dialoga com o IALA Amazônico, participando de cursos de formação que o Instituto oferece e também, através da contribuição dos acampados aos trabalhos práticos do IALA.

Este agricultor foi um exemplo do processo de migração em busca de melhores condições de vida, quando saiu do onde nasceu, chegando ao Pará no auge do período de extração de ouro da Serra Pelada. Agricultores abandonaram suas terras neste período, direcionados à promessa de riqueza da região, e ao chegar ao fim da exploração, se encontravam em condições de pobreza, sem ter possibilidade de voltar ao seu local de origem.

O agricultor 3 é natural do Maranhão, possui 66 anos, veio em 1994 pra Parauapebas, quando logo entrou para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), sendo que sua origem é rural. O IALA Amazônico tem relação com este agricultor através do fornecimento



de sementes tradicionais de feijão de porco. Ele menciona que suas sementes são todas adquiridas na região, em que ele faz todo ano a seleção e armazenamento para os próximos plantios.

Quando perguntado da importância de se guardar as sementes, afirma o seu valor por serem mais resistentes, se adaptam a sua realidade e atendem suas necessidades, sempre ressaltando que este é seu costume. Antes de retornarem ao campo, estes agricultores também passaram por diversas outras atividades de trabalho, em outros municípios, fora da lavoura, o que fez com que eles perdessem suas sementes tradicionais. Ou seja, uma das mazelas do processo de migração desordenada são as perdas, muitas vezes irreversíveis, de variedades de diversos tipos de plantas (gramínea, leguminosa, medicinal, etc.). Assim, ao delimitar seus esforços a outras atividades, se desvinculam de suas sementes.

O papel do IALA Amazônico frente às demandas familiares do campo

Até o desenvolvimento da agricultura industrial, não existia um limite definido entre o manejo da diversidade silvestre e a domesticada ou cultivada, ambas se apoiavam e interagiam. Na maior parte dos sítios de agricultura camponesa ainda o seguem fazendo. Os camponeses e agricultores de pequena escala não trabalham somente na parcela cultivada, mas manejam todo o ecossistema circundante, com intervenções diretas ou indiretas (por exemplo, através de coletas e de favorecer ou manejar interações com cultivos de diferentes ervas, plantas, árvores, insetos, pássaros e outros animais).

Utilizam também múltiplos recursos silvestres para complementar sua alimentação e suprir outras necessidades. O campesinato sobrevive, sobretudo através de um convívio harmonioso com a natureza e vivenciado por inúmeras gerações. A posse das sementes na vida camponesa representa autonomia, liberdade, poder popular, independência e autossuficiência (GUTIÉRREZ, 2003).

Por milhares de anos em todo mundo, as bases de sustentação da humanidade estão apoiadas no conhecimento do meio e na adaptação, disponibilização e criação de recursos para alimentação, cooperando na dispersão de todo o conhecimento gerado a humanidade. Este se caracteriza como um processo coletivo, aberto e de livre intercâmbio – salvo algumas restrições de conhecimentos sagrados ou rituais, mas que mesmo assim podem se enquadrar como coletivos e públicos, já que as funções desses conhecedores especializados (xamãs, curandeiras, etc.) são papéis sociais. Este fluxo livre tem permitido sua acumulação coletiva através de um enriquecimento permanente (RIBEIRO, 2003).

Um sistema de produção camponês se baseia na lógica da diversidade estando ligada à realidade de sua região, priorizando a maior capacidade de adaptação das plantas, e, portanto, o maior aproveitamento nas condições em que se encontram. Assim, a lógica circula em volta de uma dinâmica de produção baseada no respeito às condições ambientais, no acompanhamento do desenvolvimento de cada variedade de planta, na compreensão dos ciclos, e valorização do potencial de cada espécie.



Trazendo esta lógica para uma perspectiva regional, Costa (2005) vê a Amazônia como objeto de disputa por dois grandes projetos de desenvolvimento de base agrária. Um deles, parte do pressuposto de que a terra é meramente solo para uso agrícola, que se caracteriza pela devastação das áreas florestais. Disponível o solo para uso agrícola com a retirada da floresta, implantam-se produções de commodities em larga escala, sobretudo pecuária e grãos. Para isto, se moldam na região grandes latifúndios, utilizando pequena mão-de-obra pouco qualificada, e, sobretudo grandes quantidades de insumos mecânicos e químicos.

Por outro lado, bem diferente a este primeiro modelo, há outro que resiste tendo como base atividades que basicamente dependentes do extrativismo, associado ao uso do solo para um conjunto de atividades agropecuárias diversificadas. É um projeto executado em propriedades fundiárias menores, com trabalho direto essencialmente familiar e com técnicas que exprimem uma qualificação elevada, a partir de um saber local adquirido pela experiência empírica de inúmeras gerações.

Estes assentamentos enfrentam inúmeros problemas para se consolidarem nessa direção, dado que a maioria dos ocupantes é migrante. A qualificação da força de trabalho carece de elementos voltados para uma especificidade amazônica, isso, agravado pelo fato de que muitos assentamentos nestas regiões são criados em áreas que já foram exploradas por madeireiros e pecuaristas, encontrando a floresta e a terra em elevadas condições de degradação. Cabe, portanto, aos camponeses assentados a difícil tarefa de adaptarem em pouco tempo seu conhecimento à realidade do bioma, considerando como ponto de partida um ecossistema já saqueado e degradado pela ocupação anterior (COSTA, 2000).

Frente ao exposto, percebe-se que é altamente justificável um esforço de setores dos movimentos sociais do campo, da academia, da assistência técnica, de entidades de assessoria e de organizações ambientais de investirem, a partir de diversas frentes, na agroecologia como base de produção sustentável nos assentamentos da Amazônia. Através deste papel fundamental de cuidado com as sementes, o IALA Amazônico tem buscado intercambiar as técnicas de camponês a camponês, organizando coletivamente, com o intuito de produzir e conservar localmente, destinadas à agricultura camponesa e orgânica.

Para Ferreira (2013), os Institutos de Agroecologia Latino Americano demonstram o acúmulo da Via Campesina referente à América Latina, tendo em vista a situação decadente de perda de território camponês e de sua autonomia de se reproduzirem frente ao avanço das políticas do capitalismo para a agricultura, representado pelo domínio e mercantilização dos bens da natureza.

O IALA Amazônico tem feito o intercâmbio de sementes e saberes através de agricultores e instituições diversas, em forma de mutirões de trabalho, de troca de sementes, de experiências com cultivos de sementes tradicionais, feiras agroecológicas, entre outros. Isto com a finalidade de estreitar relações entre os principais agentes dinamizadores deste processo de valorização e conservação do patrimônio genético.



Vislumbrando a realidade deste trabalho, podemos enxergar a agroecologia como caminho para a fixação do homem no campo, através da conservação e valorização das sementes tradicionais. Diante da cooperação que o IALA Amazônico tem buscado fornecer aos agricultores da região é que notamos a sua relevância, pois está sempre dialogando com a realidade que estes se inserem. O IALA Amazônico toma para si esse papel, diante da articulação com os movimentos sociais da Via Campesina e com outros atores, como Universidade, ONGs, etc.

Também se insere neste debate de processo de migração na Amazônia o fato de que grande quantidade de assentamentos criados pelo INCRA estão alocados na região. Contraditoriamente, não foi nesta região que se deram o maior número de ocupações de terra, o que mostra que a criação de assentamentos na Amazônia continua sendo uma forma de mitigação de conflitos pela terra em outras regiões do país, contribuindo para um deslocamento populacional motivado pela inexistência de condições de reprodução nas outras áreas (GIRARDI, 2008).

Conclusões

A região Amazônica é caracterizada por amplo processo de domínio e disputa por diversos projetos de desenvolvimento, pensados na maioria dos casos pelo governo brasileiro dentro de uma dinâmica nacionalista de progresso e crescimento econômico, com isto, foi deliberado grandes projetos como mineração, barragens, agroextrativistas como a borracha, entre outros, que possibilitou uma dinâmica atrativa para indivíduos de diversas partes do país. Com isto, o Sudeste do Pará também está inserido neste fluxo migratório, dando origem então a grandes problemáticas que até hoje percorrem seus municípios e desprendem uma necessidade de diversas instituições na busca de criar novas demandas por ações em favor da agricultura familiar.

Ao reconhecer a dinâmica de migração dada nesta região é fundamental a deliberação de discussões a certa do tema, na medida em que estes foram responsáveis por grandes perdas para a agrobiodiversidade e o processo de desenvolvimento do homem no campo, podendo ser forte agente desmobilizador para a fixação deste em suas atividades agrícolas. Para isto, compreender as formas de reprodução dos saberes locais é fundamental no fortalecimento da agricultura familiar na Amazônia, onde uma delas está em torno da biodiversidade de espécies que por gerações são transferidas de pai para filho, em busca de enriquecer o conhecimento dos homens e mulheres que dedicam sua vida ao campo.

Nos novos moldes de agricultura trazidos nas últimas décadas é possível notar uma intensa modificação destas formas de se relacionar com o meio ambiente, refletindo então em uma complexa cadeia de malefícios ao espaço social, bem como êxodo rural, perda de saberes empíricos, desequilíbrio ambiental, entre diversos outros.

Se reconhece os intercâmbios do material genético e saberes entre os próprios agricultores como sinal de um sistema de cooperação e constante construção, além do complexo processo histórico de migração na região amazônica, em que gera muitas vezes a perda de sementes e estranhamento aos biomas necessitando de processos produtivos característicos.



Desta forma, o IALA Amazônico possui um papel crucial dentro da realidade que está introduzido. Fortemente pautado na agroecologia, tem buscado assegurar a luta de resistência camponesa e a conservação e valorização das sementes tradicionais que são essenciais na reprodução agrícola familiar, alcançando diversas comunidades por meio de suas atividades, onde assim permanece viva a luta de resistência a favor das sementes e da vida.

Referências

ANDRADE, J. G. et al. Diagnóstico das técnicas de produção e armazenamento de sementes crioulas em assentamentos rurais de Aparecida, Paraíba, Brasil. *Society and Development*, v. 9, n. 5, p. e130953147, 2020.

ANDRIOLI, A. I; FUCHS, R. *Transgênicos: as sementes do mal* – a silenciosa contaminação de solos e alimentos. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BARBOSA, M. B. R. Territorialização contra-hegemônica: o IALA amazônico e a construção de um projeto camponês na América-latina. Marabá, 2014. *Trabalho de conclusão de curso*, UNIFESSPA.

COSTA, F. A. *Formação agropecuária na Amazônia: os desafios do desenvolvimento sustentável*. Belém: NAEA/UFPA, 2000.355p.

COSTA, F. A. Questão Agrária e Macropolíticas para a Amazônia. *Estudos Avançados*. São Paulo, v 19, n 53, p.131-156. 2005.

FERREIRA, A. *Entrevista concedida pela liderança estadual da Via Campesina*. Pará. Marabá. 2013.

GARCINDO, L. *O Cultivo De Sementes Crioulas No Sudeste Goiano: Uma Forma Da (Re)Existência Camponesa No Campo*. UFG/Campus Catalão. Artigo apresentado no: XIX Encontro Nacional De Geografia Agrária, São Paulo, 2009, p. 1- 17.

GIRARDI, E. P. *Proposição teórico-metodológica de uma cartografia geográfica crítica e sua aplicação no desenvolvimento do atlas da questão agrária brasileira*. São Paulo, 2008. Tese de doutorado, Unesp.

GUTIÉRREZ, M. M. Sementes crioulas – um olhar a partir da Colômbia. In: CARVALHO, H. M. *Sementes: patrimônio do povo à serviço da humanidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2003. p.261-277.

MÓNICO, L. et al. *A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa*. CIAIQ 2017, v. 3, 2017.

RIBEIRO, S. Camponeses, biodiversidade e novas formas de privatização. In: CARVALHO, H. M. *Sementes: patrimônio do povo à serviço da humanidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2003. p.51-72.